

Diário do hipotético vizinho

A photograph of Wilson Alves-Bezerra, an older man with grey hair, wearing dark sunglasses and a blue button-down shirt. He is smiling and speaking into a professional microphone in a recording studio. The background is a wall of black acoustic foam. The text 'Wilson Alves-Bezerra' is overlaid in the top right corner. The title 'Diário do hipotético vizinho' is overlaid in the center right in a blue serif font, with each word on a separate white rectangular background. The logo 'ILUMINURAS' is in the bottom right corner.

Wilson Alves-Bezerra

Diário do
hipotético
vizinho

Copyright © 2023
Wilson Alves-Bezerra

Copyright © desta edição
Editora Iluminuras Ltda.

Capa e projeto gráfico
Eder Cardoso / Iluminuras
sobre foto de Claudio Willer nos estúdios da Rádio UFSCar, em São Carlos-SP,
em junho de 2015, em participação no programa Rádio UFSCar Convida. Foto:
Rádio UFSCar / Divulgação / acervo pessoal de Wilson Alves-Bezerra.

Revisão
Monika Vibeskaia
Iluminuras



2023
EDITORA ILUMINURAS LTDA.
Rua Inácio Pereira da Rocha, 389
05432-011 - São Paulo - SP - Brasil
Tel./Fax: 55 11 3031-6161
iluminuras@iluminuras.com.br
www.iluminuras.com.br

Índice

Diário do hipotético vizinho

Parte I

A visita,	9
Dia seguinte,	11
A doutora,	15
Brooklin,	18
Copos Corpos,	19
A Casa de Claudio,	19
Maison Bi Bi,	21
O grito,	24
A carta voadora,	25
Então ensaio outra:,	27
Surpresa,	28

Parte II

Nossos copos,	29
Projeto,	30
Como os poetas terminam – literatura e indigência no Brasil,	30

A propósito de *Viva Willer!*, 35
Coluna Social, 37
Cemitério Manauara, 38

Parte III

Carta, 39
A casa dos poetas, 39
O aniversário do poeta, 41
Socorro, 43
Dissolução, 43
Fundação, 45
Lembrança de há quase um mês, 46
Contra os poetas, à maneira de
Grombrowicz, 48
Contra a Rede Social, 49
Fatias finais, 51
Pequeno intercurso da burocracia
diante da lápide, 53
Light, 54
O fim do fim, 54
O fim depois do fim, 55
Morre o poeta e tradutor
Claudio Willer aos 82 anos, 55
Só palavras, 60
Fumaça, 62

Diário do hipotético vizinho

Perdido me sinto em casa

*Este diario, a pesar de las apariencias,
tiene el mismo derecho a la existencia que un poema.*
(Witold Gombrowicz. *Diario argentino*)

A visita

Claudio estava na cama e não se movia. Era como se fosse uma cabeça lúcida num corpo inerte. Ele se alegra ao nos ver. Estamos Gledson, Roberto e eu e ele está na Instituição de Longa Permanência para Idosos, unidade Brooklin. Passou por duas longas internações na UTI no Hospital Samaritano, na Brigadeiro com a Cincinato Braga, nas semanas anteriores. Primeiro por uma hemorragia, fruto de um tumor na bexiga, depois tromboembolia pulmonar.

Falava sem gesticular mas com eloquência. Agitadamente, contou que estava chapado e dormira o dia inteiro e que sonhara que estava ainda no Samaritano, e que se encontrava com Maninha e com Contador Borges. Enigmaticamente, completou “era ambivalente, porque Contador Borges era uma ótima pessoa”. Perguntou ao Bicelli sobre o que conversaram esta manhã: sobre ele estar no Monte Serrat. Bicelli disse: “Willer, isso foi há cinco meses.”

“Essa trombose foi uma merda. Me atrasou a vida. Preciso de uma perspectiva. Transformar o apartamento num centro de difusão de cursos. Eu preciso de doze mil cruzeiros, o que não é pouco, mas também não é uma fortuna. Tratamento

odontológico, o dentista me pede dois meses, o que não é conveniente para mim. E operar a catarata. Se não, vai afetar minha visão. Preciso estar em boas condições para poder voltar a dar palestras.”

São muitos planos para um corpo que não se move. Nós o ouvimos, em silêncio.

Roberto repete, depois de remexer em suas anotações virtuais, “Isso foi há meses, Claudio. Você me escreveu e eu te respondi dizendo que estava em Santos, em Monte Serrat, onde tem aquela capelinha. Você sabe que não acredito em porra nenhuma, mas eu até rezei por você lá.”

Ele prossegue e em pouco tempo a conversa chega no cinema. Ele disserta: “Todo o Hitchcok é sobre o trauma freudiano. A resolução da trama é a resolução do trauma. Hitchcok é o Freud do trauma”.

Pergunto se ele quer que alguém em especial venha visitá-lo: a gangue – diz ele se referindo às pessoas do grupo de whatsapp que fomos juntando quatro anos antes, para dar a ele algum suporte. Alguém em especial? “Renata, que disse que vinha e não veio. E Beth, que é especialista em dizer que morou na França”. Digo que falarei com elas.

Continuam os planos: “Preciso selecionar as palestras para fazer o livro, mas primeiro lançar o livro de poemas. Eu quis fazer algo junto com a Thereza porque sozinha ela não tem condições. Mas essa trombose me atrasou.”

Nós levamos para ele a televisão que estava em seu apartamento, mas ele não dá muita importância. “Eu não estou sintonizado em televisão”

Depois de uma hora e meia, partimos. Exaustos, tristes, admirados.

Foram semanas duras na UTI, quando ele foi desenganado. Sabemos agora que ele não desistiu de viver. Não se lamenta. É racional, quer saber o prognóstico para poder dar os próximos passos.

A médica vem amanhã.

Quem olha para ele já sabe que ele vai morrer, que ele definha. Mas o plano é estar em forma, para poder voltar a dar palestras, lançar livros. Vive numa espécie de penumbra lúcida, entrecortada por sonhos.

Claudio vive enquanto morre.

Dia seguinte

Logo de manhã, eu tive um sonho, que registrei com letra trôpega. Ele era bem maior, mas eu só pude reter o principal.

Sonho. Claudio é professor numa universidade privada. Seu escritório é uma sala de paredes de vidro. Um bêbado fica bebendo na sala ali lado, e tudo se vê pela parede de vidro. Depois fica na porta, incomodando. Claudio fica puto com as marcas de copo no papel sobre o tampo de vidro que cobre a mesa. As marcas também no tampo da mesa.

Claudio me pergunta: falo ou não falo com ele? Digo que não vale a pena.

Vejo que alguém pintou contornos amarelos e vermelhos nas bordas das marcas dos copos.

Acordo com um poema dele na cabeça, cujo refrão é “Nossos corpos”

Caminho trôpego até a sala e o Roberto está na poltrona. Hora de começar o dia. Conto o sonho a ele, que se limita a dizer: detalhado.

Vou ao Brooklin apenas com o Gledson. Roberto não se sente bem, está visivelmente mais magro, e ainda sob o impacto da véspera não consegue fazer nova visita. Ele sente algo na garganta.

Já perdemos a manhã inteira no Shopping Higienópolis, para tentar cancelar a TV a cabo, que ficou em nome da Maninha, para devolver os aparelhos. Tudo fracassa: querem um parente, um parente, um parente. Não tem parente. Desisto.

Ao chegarmos no Brooklin, com o jornal do dia, encontramos Claudio lendo o jornal da véspera. Digo que trouxe o jornal, e ele fala: obrigado, já tenho jornal. “Quem trouxe?”. Ele: “Trouxeram”. “Mas esse é o jornal de hoje, veja: fala da morte da Gal Costa”. “Morreu? Coitada.”

“Por falar nisso, apareceu aqui essa televisão”. Dizemos que trouxemos ontem para ele. Ele nos olha, atônito, e depois relaxa: “Mistério solucionado.”

Gledson e eu nos entreolhamos. Então dou curso a minha própria obsessão. Conto ao Claudio meu sonho. Ele, muito mais lúcido e dono de sua memória antiga, me responde que havia dado uma palestra em São Paulo sobre aquele poema – ‘Nossos corpos’ – como escrita automática.

Respondo que me parecia que ele tinha dado essa palestra também em S. Carlos, na UFSCar, em 2010, na oficina com a Mariana Campos. E lhe disse, se não me equivocava, que foi ao falar desse poema que ele mencionou que ao final havia uma reescrita de um fragmento do Ginsberg. Claudio diz que sim, e diz que quando foi escrever o poema, esse fragmento do Ginsberg estava na memória dele, no inconsciente, como fica a imagem luminosa impressa depois que a gente fecha os olhos. E que ele mudara a cor da imagem do poema do Ginsberg no seu poema.

O poema se chamava “É assim que deve ser feito”, mas nenhum de nós se lembrava do título dele, só o refrão “Nossos corpos” que me acompanhou desde aquela tarde de 22 de setembro de 2010, em São Carlos:

“nossos corpos druídicos formando círculos
mágicos sinalizando o reinício dos tempos
nossos corpos que se precipitam como os regatos
que escorrem pela encosta
da montanha buscando seu rápido destino final
nossos corpos de vísceras entrelaçadas
redescobrimo a pulsação das galáxias
nossos corpos no turbilhão do galope de potros
bravos à beira-mar
nossos corpos com seus relâmpagos rompendo o
calor denso da noite na
selva tropical

nossos corpos de muitas vozes, muitas vozes que
se confundem
nossos corpos sobre os quais viajamos como
navegantes em busca da
Terra Prometida
nossos corpos recobertos de inscrições que
passamos dias e noites tentando decifrar
nossos corpos entregues a um êxtase canibal (...)

e assim por minutos, numa repetição alucinógena, até a conclusão, quando inadvertidamente reescreve, com condensações e deslocamentos, o poema “Mensagem”, do Ginsberg.

Digo da importância daquela oficina para mim, rememorei um trecho dito pelo Claudio na ocasião: disse que depois da leitura de “joelho, salsa, lábios, mapa”, do Herberto Helder, criou-se uma convulsão em mim, e que eu que havia parado de escrever poesia, escrevi um poema, na mesma noite, para apresentar ao grupo no dia seguinte. Claudio na ocasião comentou que seu escrevesse mais trinta daqueles “nós o autorizaremos a publicar”. A série virou *Vertigens*, de fato publicada em 2015, e depois ganhou o Jabuti. Claudio sorriu.

Então migra ao assunto principal: quando vou ser transferido?

Seu horizonte é ir para o Madre Cabrini, a Instituição de Longa Permanência onde a Maninha passou seus tempos finais. Fica na Vila Mariana. Lá o ambiente é mais aconchegante, decorado, e não tem aquele aspecto espartano, do Brooklin. Os médicos disseram que ele não poderia ir para lá, porque está

dependente de oxigênio. Mas Claudio insiste, diz que Maninha usou oxigênio lá, e que além disso é mais perto do centro, onde fica mais acessível a seu círculo.

Gledson e eu respondermos que saberemos isso depois da visita da médica. Não importa a resposta, a pergunta sobre a transferência retorna como um refrão.

Entrego a ele as encomendas da rua, uma latinha de água tônica, para que ele sorva como um passarinho. Entrego um pacote de livros do Valdir Rocha que chegou no apartamento. Pergunto se ele quer que eu abra: “Quando eu chegar em casa, eu abro”. A tevê está sem o controle remoto, e ele explica, didático: “tem dois, controles: o que está quebrado é o que funciona”.

Digo que agora é mais fácil pegar as coisas dele, porque estou ficando na casa do Roberto Bicelli, vizinho dele. Ele diz: “Meu hipotético vizinho. Agora só falta o Gledson se mudar para a Barão de Limeira.”

Claudio quer ter alta. Quer ir para o Madre Cabrini, ou para casa. Ou tudo isso.

Mas a médica chega e diz: nada disso.

A doutora

Natalia Caminha, de Fortaleza, de sotaque marcado, baixa, branca, e com uma pinta no pescoço, ou uma mancha no pescoço, e todos nós de máscaras. Ela o encara, ela diz que ele tem duas doenças graves, ao mesmo tempo. Que a vida estava

corrida e que ele deixou tudo para depois, e que agora o depois chegou. Que ele é congenitamente trombofílico, que o câncer é trombógeno, que ele há tempos perde sangue pela urina. Que não é tratável. Que ele ao menos alcançou o equilíbrio, embora seja um equilíbrio frágil. Que só há duas coisas que ele pode fazer: parar de tirar a sonda do oxigênio do nariz, pois sem ela ele morre em cinco minutos; e fazer a fisioterapia como se deve, sem má vontade. Que por ele não ter consertado os dentes, ele não consegue mastigar como deveria, que faltam a ele condições de ingerir proteína. Que ele vem emagrecendo muito nos dois últimos anos. Que ele tem trombo-embolia pulmonar (TEP) e já teve na perna, que ele tem um câncer que o debilita. Que há muitos cenários para ele. Ir para o Madre Cabrini não é um deles, enquanto ele for dependente de oxigênio, mesmo que seja só de meio litro.

Os olhos de Claudio ficam marejados, e ele só repete “Minha nossa!”

Diz à médica que as notícias dela são terríveis.

Ela diz que não, que não é terrível nada daquilo. Que ele tem ótima condição intelectual, que tem amigos, a gangue, que precisa fazer o máximo nesse novo cenário, aproveitar essa condição que tem agora.

Claudio quer argumentar. Diz que ele estava bem até que a trombose o deixou fora de combate.

Natalia não quer que ele diga “fora de combate”. Ele está no jogo, ela se esforça para dizer, mas o esporte que ele queria era outro. E o ambiente pesa sobre todos nós.

O mantra de Natalia compõe-se de palavras-chave: fisioterapia e oxigênio. “Veja, eu não tenho nada contra a fisioterapia”, diz ele. “Não foi o que a Elza me disse”, retruca a doutora.

“Mas eu queria ir ao Madre Cabrini”.

“Lá não há nada que não haja aqui.”

“Mas eles tem uma estrutura melhor. Aparelhos”

“Do modo como você está, Claudio, se você estivesse no Madre Cabrini, não usaria nenhum aparelho. Sua fisioterapia seria também na cama, aqui ou lá”

“Mas isso é terrível.”

Os horizontes se estreitam. Começo a fazer perguntas, tentar pensar em algo que fosse passo novo: o que precisaria o Claudio para ficar em pé? O que precisaria para ele ficar numa cadeira de rodas e lançar assim os *Poemas para ler em voz alta*?

“Aproveite sua condição intelectual, leia, use seu computador, fique em contato com as pessoas. Você tem a gangue que está sempre contigo, você tem amigos que se importam com você.”

Mas era pesado, ela falava em morte, cenário que sempre incluíam a morte como possibilidade.

Natalia parte. Claudio fica com os olhos marejados. É o momento mais difícil. Converso com ele, racionalmente, como sempre foi. Faço promessas. Podemos trazer um computador. Um laptop com os arquivos do hd. Deixar o celular em ordem, pago. Conseguir uma boa conexão de 4G. Quanto ao lançamento de *Poemas para ler em voz alta*, poderíamos trabalhar com a hipótese de ele ir com uma cadeira de rodas, um torpedo pequeno de oxigênio, num lugar aberto.

Tudo demanda concentração, pontuada pela máquina de oxigênio. Do quarto ao lado, uma velha grita ou geme. Não ouço. Gledson oferece palavras de conforto.

Brooklin

Saio do hospital e sei que estou no Brooklin. Levo Gledson pela Hípica, na Guaraiúva, busco a rua conhecida, sigo por ela até a Arandu, sigo por ela até topar com a Padre Antonio José dos Santos. Falo para irmos na direção da Berrini, não me lembro que no meio do caminho tem a Nova Independência. Chegamos finalmente na Padaria Leiriense, onde, enquanto comemos – ele um sanduíche de provolone, eu omelete de peito de peru com queijo minas – na mesa de trás, uma gangue de bolsonaristas, toma vinho e comenta o relatório dos militares sobre as eleições, a condenação de Lula, e outras mistificações contemporâneas.

Meu suco é de melancia com gengibre e não me importo com nada.

Na mesa ao lado, uma mulher de roupa de ginástica e pele tratada fala algo que não é possível ouvir.

Os pratos são caros na Leiriense. Vinte e quatro horas antes, na Padaria das Palmeiras, uma omelete até maior custava 33 por cento menos. Eu como omeletes para produzir memórias desses dias.

Vamos de ônibus até a Ana Rosa. De lá, tomamos o metrô. Gledson e eu nos despedimos, monossilábicos e cúmplices.

Copos Corpos

O que percebi nalgum momento, talvez logo depois de contar meu sonho ao Claudio, foi que os copos-corpos eram um cemitério. Que Claudio, ou eu olhando para ele, encarava a morte. Eram túmulos aqueles corpos?

Pois nesta sexta surge o documento no qual ele diz que não quer ser sepultado, mas cremado. Documento de janeiro de 2021, com a assinatura reconhecida, mas não registrado em cartório, como quereria a burocracia paulistana.

A Casa de Claudio

Um apartamento de dois quartos, espaçoso, composto de um longuíssimo corredor que corta a casa toda, o primeiro cômodo à direita é a cozinha, logo a sala, depois o quarto de Claudio e finalmente o de Maninha. Contrasta com a amplitude do apartamento, o vazio imperante: não parece ser um apartamento onde morassem pessoas. A sala é um grande escritório de trabalho, não sei como era antes da morte dela.

enfim, por eu ter morrido como professor em São Carlos e nem ter emitido uma nota fúnebre:

Olá, pessoal da coordenação.

Foi uma falha minha, grave.

Sempre aviso com antecedência quando preciso faltar.

Desta vez, estava em S. Paulo, acompanhando um amigo, doente terminal, Claudio Willer, que já veio a S. Carlos, para muitas atividades, cursos, oficinas, desde 2008.

Eu mantenho, com alguns amigos, o apartamento onde ele vive.

Ocorre que ele passou por duas internações recentes e precisou ser levado a uma instituição de longa permanência.

Estive esta semana - em meio às atividades da editora na Festa do Livro de São Paulo - acompanhando-o tanto para a conversa com a médica - e as más notícias daí decorrentes, quanto com a desocupação do apartamento onde ele vive.

Conto tudo isso para dizer que estou bastante abalado e me esqueci completamente de avisar a coordenação. Lembrei das aulas, lembrei de avisá-los, mas não o fiz.

Peço desculpas.

Vou (não tenho como enviar este email. vou escrever outra versão.)

Então ensaio outra:

Para graduandas e graduandos das disciplinas de Matrizes da Literatura Hispano-Americana e Literatura Hispano-Americana do Século 20.

Olá, recebi, via coordenação, a justa queixa de vocês sobre as faltas que tive nesta semana, sem que houvesse avisado a vocês com antecedência.

Quero pedir desculpas pelo ocorrido.

Estou em S. Paulo e vim acompanhar um amigo de longa data, que passou as últimas semanas na UTI e agora foi transferido a um hospital de longa permanência. A situação é bem difícil.

Envolvido com toda a situação, lembrei-me e esqueci-me várias vezes de avisar a coordenação para que vocês fossem avisados.

Lamento ter feito vocês se deslocarem de suas casas, muitas vezes em outras cidades, para a UFSCar.

A partir da próxima semana, tudo se regulará. Nesta semana, as coisas saíram de meu controle. As aulas começam normalmente, portanto.

Sinto muito.

Mandei essa versão e pensei sobre a higiene da civilização.

Surpresa

Depois de uma semana dura fora de casa, acordo no meio da madrugada.

“Antes que eu fique confuso, antes que eu abra os olhos, para não haver surpresas, percebo e me digo que estou sozinho, na minha casa, depois de uma semana em S. Paulo. Só isso.”

Depois, vem com força a surpresa:

“Nossa, minha casa é em São Carlos!”

Fragmentos recobrados

Nossos copos

Conheço Claudio Willer desde 1996, quando ele era assessor de cultura da Prefeitura de São Paulo e o via semanalmente na FUNARTE, onde eu frequentava os cursos órficos, do Roberto Piva. Eu era um jovem de dezenove anos que escrevia poesia, intuitivamente. Nunca falei com ele naquele momento, mas sabia dele. Desde 2008, quando já professor de Letras em S. Carlos, passei a convidá-lo com frequência para dar palestras, minicursos, fazer lançamentos, oficinas, na UFSCar e nos aproximamos mais.

Neste 23 de janeiro de 2018, aguardo Willer na esquina das ruas Candido Espinheira e Monte Alegre, no rico bairro das Perdizes.

Enquanto ele não chega, penso que desde 2008 nossa relação é intermediada pela comida. Comemos e bebemos antes e depois dos eventos literários. Como anfitrião em São Carlos, este sempre foi meu papel. Nunca houve uma mesa sem copos e pratos entre nós e será novamente do mesmo modo hoje. A diferença é que desde 2015 os encontros se tornaram também de amizade, sem os eventos. Entre as mesas, prevaleceu a do

bar ou restaurante. Hoje, será a da padaria Senhor Pão, na confluência das ruas.

O encontro se dá depois de quase um ano sem nos vermos. Da última vez, foi num lançamento meu, na livraria Cultura. Entre os dois encontros sucessivos, uma campanha na internet pedindo ajuda financeira.

Projeto

Esta noite vou escrever um artigo para Willer, a favor de Willer.

Em chave Quiroga-Willer.

Como os poetas terminam – literatura e indigência no Brasil¹

Em 1928, no auge de sua popularidade, o escritor uruguaio Horacio Quiroga (1878-1937), num artigo chamado “A profissão literária”, fazia um balanço de sua carreira, pensando sobretudo na remuneração dos autores. Ao fechar sua dolorosa contabilidade, concluiu: “Durante os 26 anos que vão de 1901 até hoje, ganhei com minha profissão 12.400 pesos. Este montante em tal período de tempo equivale a um salário de 39,70 pesos

por mês. (...) Se eu tivesse que ganhar a vida exclusivamente com isso, teria morrido após sete dias de me iniciar em minha vocação, com as entranhas roídas”.

Em outro artigo do mesmo ano, Quiroga, numa série de biografias breves chamada *Heroísmos*, referia-se a Edgar Allan Poe (1809-1849), cujas cartas revelam que ganhava ainda menos por seus contos. Em maio de 1844, à editora da revista *The Opal*, Poe dizia: “O preço que a senhora me indica – 50 centavos por página – me parece suficientemente bom”. Estranho pensar que o autor de “O gato preto” e “O corvo”, apesar de gozar de reconhecimento público, vivia em condição de semi-indigência e, cinco anos depois, morreria de *delirium tremens*.

O próprio Horacio Quiroga, apenas seis anos após tais artigos, começou a enfrentar reveses econômicos: um golpe militar no Uruguai levou-o a ser exonerado de seu cargo de diplomata, sem tampouco conseguir se aposentar. Já sem grande prestígio na imprensa local, acabou passando os anos finais com dificuldades financeiras, vindo a morrer após cinco meses internado no Hospital de Clínicas de Buenos Aires. Ao descobrir que padecia de um câncer incurável, suicidou-se.

Nosso desejo de que esses destinos literários fossem mera memória de tempos idos se vê desmentido por recentes histórias nacionais. Descontados altos e baixos, nas últimas décadas, no Brasil, a situação de quem se atreve viver do que escreve não é muito melhor: Orides Fontela (1940-1998), Hilda Hilst (1930-2004), Roberto Piva (1937-2010) – os três grandes poetas viveram penúrias em seus anos finais.

¹ Artigo publicado no site da Revista Cult, em 21 de janeiro de 2019.

Na *Folha de S. Paulo*, em 1996, uma matéria de Elvis Bonassa descrevia o cotidiano de Fontela, às vésperas do lançar seu livro *Teia*: “Orides Fontela, 55, ganha apenas uma aposentadoria de R\$ 423. Mora no prédio da Casa do Estudante, na Av. São João, acolhida por uma amiga após deixar, por falta de dinheiro, um apartamento alugado. Orides Fontela é uma das mais respeitadas poetisas brasileiras”. No mesmo jornal, em 2005, Julián Fuks assim descrevia Piva: “Aqueles leitores da década de 1960 (...) talvez se entristecessem ao ver Piva trancafiado em seu apartamento na Santa Cecília, já descrente da vida que pulsa nas ruas. Das ruas, segundo denunciam suas janelas fechadas e empoeiradas, só lhe alcança o som das buzinas”.

Em tempos bem recentes, no início de 2018, veio a público um alerta da situação financeira delicada de outro grande da cena nacional: Claudio Willer. Após ter sido uma das figuras-chave da geração dos Novíssimos; ter tido verbete a ele dedicado no *Dictionnaire général du Surréalisme et de ses environs*, de Adam & Passeron (1982); ter traduzido Láutreamont, Artaud, Ginsberg e Kerouac no Brasil; ter escrito obras de referência sobre gnose e gnosticismo na literatura ocidental e sobre a *beat generation*; ter influenciado poetas com sua poesia e suas oficinas literárias; após ter feito tudo isso, Willer não conseguia mais pagar o aluguel de seu apartamento, onde vivia com a companheira e artista plástica Maninha Cavalcante.

Ora, se ter criado a literatura policial e ter escrito *O Corvo* (1845) e *Filosofia da Composição* (1846) não salvou Poe da indigência; por que obras como *Anotações para um*

apocalipse (1964) ou *Volta* (1996) protegeriam Willer de ser acossado pela carestia?

É certo que a crise econômica que o Brasil passou a enfrentar ao menos desde 2013 tem um papel nisso. Mas não apenas ela: cabe suspendermos o texto para fazer um minuto de silêncio – e reflexão – pelo *Sabático* do Rinaldo Gama; o *Prosa & Verso* da Mànya Millen; o *Guia de Livros, Discos e Filmes* do Manuel da Costa Pinto; o *Rádio ao Vivo* de Menegatti, Oliveira Andrade e Cris Santos; o *Pensar* do João Paulo Cunha; o *Ideias & Livros* do Álvaro da Costa e Silva; a *Bravo!*... Enfim, a crise. Menos livros, menos livrarias, menos ideias circulando, menos oficinas literárias, menos resenhas a escrever e a ler. Orçamentos reduzidos nos SESC's, nas universidades, menos apoio nas agências de fomento. A literatura e as artes saindo com velocidade do centro da cena.

Num contexto como o atual – anticultural, obscurantista, truculento – é certo que floresce a cultura de resistência, e incontáveis são os projetos de gente vigorosa que afronta a tempestade – livros, saraus, *slams*, editoras de resistência, portais, revistas, críticos independentes – coletivos e pessoas que têm força para, à margem, criar e fazer circular arte. Resta, entretanto, a pergunta incômoda: e quem, como Willer, ao 78 anos, já militou pela poesia não apenas na escrita, mas também em eventos-chave como na realização da *Feira de Poesia e Arte*, no Theatro Municipal, num Brasil sob ditadura, em novembro de 1976? E que depois atuou, na UBE, na FUNARTE e em incontáveis outras instituições? O que faz o poeta septuagenário quando o ambiente se torna inóspito? Continua como mascate

lírico, oferecendo oficinas, cursos, palestras, conferências, para além dos limites físicos, em troca de uns *pro labore* que nunca bastam para pagar alugueis, remédios e a mera subsistência? Continua escrevendo livros para a posteridade?

Há um momento da vida humana – mesmo a dos poetas – no qual o corpo começa a cobrar seus preços, e o escritor precisa fazer frente à intempérie. Caibam três notas: (1) que, no Brasil, quem foi autônomo ao longo da vida, na velhice tem seus rendimentos de aposentadoria não superiores a um salário mínimo: menos de mil reais; (2) que direitos autorais de poetas rendem, quando muito, algumas dezenas de moedas; (3) que no Brasil não há pensões a artistas que tenham prestado serviços relevantes à cultura, como ocorre em países como Portugal e na Itália, por exemplo. O que fazer?

No início de 2018, como disse, leitores, artistas, intelectuais e amigos de Claudio Willer lançaram a campanha de apoio ao poeta. O objetivo era simples: levantar dinheiro para que ele pudesse pagar as contas atrasadas e apoiar o tratamento de sua companheira. Contas foram pagas e ele foi viver num apartamento, que há duas semanas teve de desocupar. Aos 78 anos, vivendo provisoriamente num hotel, já se sabe que a vida financeira não irá melhorar, que não há guinadas ou golpes de sorte. É preciso contar com uma rede de apoio perene, com ingressos mensais, que não obriguem a forçar uma coluna vertebral que já sustentou poesia, reflexão e devaneio por todo o território brasileiro.

Como não temos no horizonte deste país a criação de uma lei de pensões a artistas veteranos – os que combateram por

décadas pela dimensão vivificadora da arte para fazer da criatura humana um ser menos abjeto – então o artigo se transforma em apelo: por que não apoiar o poeta vivo – Claudio Willer –, por que não apoiá-lo como a um ser que se estima? Se o poeta se faz à margem das instituições, para nos fazer ver lados outros das coisas, porque não sustentá-los com delicadeza no ar, no instante duro da queda?

A propósito de *Viva Willer!*

A pessoa se despersonaliza.

Havia poetas. No lugar onde conheci Piva, Willer e Bicelli no ano de 1996. Estavam todos lá neste sábado.

José Gonçalves, um senhor de mais de setenta anos, de Mogi, que teve hemorragia dois dias depois do meu lançamento do mês passado e que escreve poemas sobre areias e arenitos.

Gledson Sousa, que além de poemas escreve contos à maneira de Poe, de quem me tornei amigo depois de ele ler o *Vapor Barato* e de encamparmos juntos planos de aluguel willeriano.

Bicelli, uma pessoa que parece dedicar a vida a sorrir e fazer piadas, a quem um dia chamei de poeta solar e que jamais se esqueceu do qualificativo.

Álvaro Alves de Faria, um dos mais velhos, que hoje publica em Portugal, e que fez uma longa entrevista, de doze horas, com o Borges, nos anos oitenta, da qual li algo nos anos noventa, na Cult, e cujo livro comprei hoje. Uma pessoa singular.

Fernando Naporano, que era músico e que hoje vive na Inglaterra, e que escreve poemas em inglês, não estava, mas sim seus livros.

Celso de Alencar, o mais nordestino dos poetas paulistas, que é meu semelhante.

Beth Brait Alvim, a única mulher, que fez uma apresentação musical belíssima.

Luiz Perdiz, jovem e magro e excelente cantor e músico, que ajudou a organizar tudo, com sua editora Primata, e depois ocupou quase uma hora, das apenas três de que dispúnhamos, com sua banda que veio de Campinas.

Claudio Willer, que achou que nessa semana ia morrer a Maninha, não pagou o aluguel, está sem TV a cabo, estressado, magro, velho, pobre e por todos homenageado.

E estava eu.

É o evento ao qual eu não tinha vontade de ir. Ao qual eu queria não ir mas no qual eu sabia que era preciso estar presente. Ninguém gosta da velhice e da morte, mas é preciso encará-la.

Não sei porque escrevo isso. Desse modo. Todos nos sentimos, às vezes, nos aproximando da velhice. Havia outros poetas no evento. Mais jovens e velhos.

Muitos melhoravam o silêncio.

Coluna Social²

Neste sábado, 28 de julho [de 2019], a FUNARTE abriu suas portas para celebrar a obra e homenagear o poeta Claudio Willer (1940). Poetas de sua geração, como Álvaro Alves de Faria, Roberto Bicceli e Juan Sanz Hernández, estiveram presentes. Cerca de trinta outros compareceram e mesmo quem não pode vir cedeu exemplares de seus livros para a feira, como o poeta e músico Fernando Naporano. Todos os livros vendidos, com apoio da editora Primata, tiveram seus valores integralmente revertidos a Willer que, na atual conjuntura obscurantista brasileira, atravessa problemas financeiros e de saúde. O sarau durou cerca de três horas e contou com performances viscerais, como as de Beth Brait Alvim, de Pedro Tostes e do próprio Claudio Willer. Houve ainda espetáculos musicais, como o de Luciano Garcez, da banda campineira Estranhos no Ninho e do Triple Trouble Blues, que acompanhou Celso de Alencar num poema. Prestigiaram o evento figuras de destaque, como o filósofo e diretor de cinema Valter José. Recomenda-se àqueles que não puderam estar presentes depositar quantias generosas na conta do poeta, cujo cpf é 516.745.138-87, e cuja conta, no Banco do Brasil, está na agência 0712-9. CC: 1890-2. Claudio Willer realmente necessita de apoio e outros eventos de semelhante matiz serão oportunamente realizados.

² Texto publicado no Facebook.

Cemitério Manauara

Eu te mando uma foto do cemitério manauara e as tumbas se abrem.

Willer me olha de um sonho. Ele está partindo e já não há o que dizer.

Os dias finais de alguém.

6 de nov. de 2019. 11:55

PARTE III

Os dias finais

Carta

São Carlos, 13 de novembro de 2022.

Claudio, há quanto tempo você está morrendo?

Quero citar este trecho do Piva para você, acho adequado:

“Mas o que pode vir em nosso socorro diante da dor, da angústia, do amor e da morte? Dostoiévsky e todo um grupo de pensadores que se engalinharam com estes problemas concluíram que cada um vive sua própria vida, assim como cada um morre sua própria morte. A experiência da vida e da morte são incomunicáveis, enquanto isso, sondamos a escuridão como os braços de um moinho.” (Roberto Piva. *Carta aos alunos*)

A casa dos poetas

Nalgum dia eu dizia: Bicelli tem a casa cheia de obras do tempo. E tem horror a ficar na casa vazia do Willer, seu vizinho. E tem horror de mexer nos livros e bulir com os objetos do amigo ainda vivo, cuja casa já se esvazia. E não quer ficar com

nenhum papel dos tão preciosos achados depois de tanta busca. E nem quer ter que vender cada um dos objetos. Não quer. Um Roberto Bicelli se faz sorrindo da vida e sabendo que a morte é transformação. Quando o amigo da adolescência está partindo é difícil demais tocar no que é material mas que vai se esvaindo.

A casa de Bicelli é alegre como a foto dele juvenil com o pai, ao lado de um carro antigo, bem antigo. Como a coleção de miniaturas de carrinhos rente ao chão, como os quadros que se exibem, como a alegria com ele trata a Bell, como a dificuldade de fazer o café por não saber a quantidade de pó, como a frase lapidar, dita quando eu ia lavar a louça: “eu não confio em você”. Tudo é sorriso na casa de Bicelli, tudo é tristeza na casa de Willer.

A casa de Willer é um acampamento abandonado, receitas e documentos e exames empilhados, entre livros a meio ler, outros mui anotados, e boletos, recibos, faturas e tantas coisas por pagar. A casa de Willer abriga baralhos, tarôs, fotos antigas, passaportes dele mesmo e dos pais, fotos dos velhos, slides pouco visíveis e uma babilônia de livros espalhados por todos os cômodos. Mas a geladeira de Willer é velha como a corrosão da ferrugem e o sal é difícil de encontrar e há copos de plástico, como se tudo fosse um acampamento.

E o quarto de Maninha tem uma gaveta à chave no armário que é impossível de abrir, e que se mantém fechada mesmo antes de a Maninha chegar, e permanece trancada mesmo depois de a Maninha partir. E sua cama está coberta de livros como para camuflar que lá havia um corpo. O corpo da artista plástica irascível, que não se dava com ninguém e como a vida é precíval.

Em meus sonhos, uma amiga da infância me aparece com o rosto inteiro coberto que não se vê nada sob o pano preto e eu digo: Angela, eu sei que é você, mas me mostra sua face, se não de que vale você ter vindo?

E na noite passada foi ainda outro sonho: uma peça de teatro na qual eu fora convocado a ser o protagonista. Eu acho bom fazer comédia, eu tenho o timing, eu tenho os trejeitos, eu posso fazer como o Chaves, o Chespirito, eu posso fazer. Mas alguém me diga o roteiro, e o roteiro não me dizem, e não me dizem nem como se acaba a peça. E mal eu sei quais são as cenas, qual é o meu papel. Percebo que estou nu ainda antes de começar a encenação, e penso que ao menos uma cueca pode me fazer sentir melhor, para não precisar ter o público olhando o meu corpo o tempo todo.

Alguém já pensou na mortalha de Willer? Alguém já pensou na roupa de seu lançamento? Alguém já pensou num quadro para botar na parede da Instituição de Longa Permanência para Idosos – Unidade Brooklin? Alguém já?

O aniversário do poeta

Willer, mesmo sendo sábado 12, pergunta no grupo, porque ninguém me dá parabéns se hoje é meu aniversário? Não era 2 de dezembro, era 12 de novembro, e os algarismos se embaralham. E a televisão que está na frente da cama, ele pensa, precisa de um

controle remoto, há dois: um bom e um quebrado, o quebrado é o que funciona.

Tudo é paradoxo.

Deveria dizer: hoje nos reunimos. Mas quem somos, não a turma da Barão de Limeira, como diz o Bicelli. Que quis fazer a mim e a Gledson parte dessa turma: meu hipotético vizinho, agora só falta o Gledson. Tudo é fragmento, perda e pena. Tudo é.

Willer está morrendo numa cama de asilo no Brooklin. O poeta de 81 anos está morrendo na terra onde os alemães chegaram no Brasil. Está morrendo com tão pouco ar. Está morrendo com tão pouco horizonte, naquela casa com tantos velhos e velhas meio idos desde agora. Aqueles velhos doloridos e dolorosos. Willer, você é um daqueles velhos?

Deveria então dizer: hoje nos reunimos para discutir como ir juntando, dispersando, ordenando, dando lugar às suas coisas. Marcelo, o primo, que surgiu nos últimos dias, está presente; o Gabriel, o editor e amigo, também; também estamos Gledson, Bicelli e eu. Quais os papeis encontrados, quais os próximos passos, as demandas. E tudo ficou tão bem dividido que deu uma tristeza grande, uma vontade de chorar. Porque se tudo isso for assim nesse ritmo, logo você vai poder morrer em paz, e não poderemos mais nos demorar em organizar as coisas para você. Já não seremos úteis e você estará em paz para ir. Unibes vai levar seus móveis, e não o centro de umbanda. Cedae ou UFSCar vão levar seus livros e papeis. A Carinhosa vai levar as coisas, as outras coisas que sobrem. O asilo vai levar suas roupas, ternos o primo acha que você não usa mais (com que

roupa havemos de te cremar? Ou é que se crema nu?). O vento vai levar suas cinzas.

Pois não vou dizer nada disso.

É o Willer quem diz: eu saí do tempo.

Socorro

Vou dizer que Socorro, a faxineira do significante-mestre, esqueceu uma sandália e um ferro de passar na sua casa, e que os irá buscar. E que foi te visitar na semana passada. E que perdeu o irmão. E que perdeu esse emprego, e que cuidou desse ontem, mesmo antes, quando ainda estava viva a Dona Maninha. E que ela quer saber notícias, sempre saber notícias, porque notícias fazem a gente viver e se mover e tomar decisões. Isso sou eu dizendo, não Socorro.

Dissolução

O apartamento do poeta está engarrafado e dissolve como um sal efêmero.

Há sapatos aos pés de sua cama, óculos ao lado de seu travesseiro, livros a seus próprios pés. No quarto do poeta há

palavras próprias e alheias, recentes e imemoriais. Tudo recoberto com a camada indefectível de pó, a pátina dos livros.

A celebração dos livros do poeta é conhecerem a caixa. A canonização dos chatos é fazer parte do acervo do poeta.

E o poeta que guardou recibos nas pastas e contratos nas pastas e certificados e declarações de impostos nas pastas agora se dá conta de que nunca serviram e de que nunca servirão.

E os chatos insistentes, os chatos que publicam muito, os chatos pertinazes e impertinentes que encham de papel a casa do poeta, em busca da celebridade, encontram a caixa mais funda onde penetrar seus livros. E os estatísticos analistas de poetas descobrem que o poeta mais chato e mais pertinaz e mais impertinente é o que mais presente está na biblioteca do poeta.

Voamos juntos, de mãos dadas, para a memória dos tempos. Por que é que os arquivistas não são também exorcistas? Porque é que uma biblioteca vai inteira, junto com a muriçoca dos dias, com a imprudência dos dias, tudo em caixas que pesam demais, que apertam os cabos do elevador do equivocata, pressionam as molas do furgão do maníaco da Doblô e vergam as costas dos leitores?

Poeta jovem, você continua pedindo um prefácio ao mestre, enquanto deveria dar-lhe uns trocados. Poeta jovem, por que o papel dos seus livros não serve nem para limpar o cocô do cu do poeta velho? Envelheça, poeta jovem, envergonhe-se.

O apartamento do poeta borbulha e as estantes se despregam e seus parafusos crepitam e os livros empilham-se e há tantos livros que não é possível haver tantos.

Fundação

Nalgum dia de 1996, na casa Mário de Andrade, ou mesmo antes, na Funarte, quando via Willer, me perguntava se ele era um burocrata apenas, que organizava cursos e atividades. Ele cederia ao Mauro Cunha Filho um espaço para ministrar uma oficina literária na casa de cultura Interlagos, aos sábados. Lisa Lago e eu fomos também. Eu participava com afinco. Em Mauro eu sempre vi um poeta, mas ao ver um homem mais velho, muitas vezes de camisa ou de terno, nos meus 19 anos eu me perguntava: será que ele é mesmo um poeta? O que significa a poesia para gente como ele? Para a Yara, para o Fabio Lucas, para todos eles. Eu não os via de perto, não os compreendia de perto. Era à distância que eles se mostravam, institucionalmente. Estava mais fácil para eu ver Mauro e Lisa como poetas, porque quando saiu meu primeiro livro, e eles me apresentaram o exemplar na Bienal, eu chorei convulsivamente, e eles choraram também.

Nesta terça, no apartamento engarrafado do poeta, enquanto ajudava a dissolvê-lo, via os seguidos cadernos, diários, anotações de tantas coisas, feitos diariamente, como eu fazia desde a adolescência. Tudo manuscrito, tudo guardado, tudo organizado. Antes já havia visto todos os livros da Beat – poesia, prosa e ensaios -, os incontáveis livros do surrealismo; toda a obra de Lautréamont inescrupulosamente anotada e manuseada, e eu concluía o óbvio: ele era um poeta mesmo.

Depois quando via o prefácio (ou orelha) do livro de uma poeta, o papel anotado, corrigido e cruzava isso aos comentários

de insatisfação da garota, que me chegara por terceiros, eu pensava: ele fodido e ainda assim fazendo prefácios.

Um prefácio, mestre! – diziam ao Rubén Darío, há cem anos. Passado mais de um século: um prefácio, mestre. E os cardumes de manuscritos, os calhamaços, chegam à casa do poeta, ao apartamento do poeta, se espalham pelo chão do poeta, entre receitas médicas, exames indicando câncer, maços e maços de cigarros paraguaios. Insidiosamente, tudo se mistura. Quem é que vai sobreviver?

Lembrança de há quase um mês

Roberto Bicelli, Bell e eu sentados no restaurante.

Bicelli começa a falar de sua obra, do funcionamento linguístico de seus textos, da diferença entre ele e os surrealistas, uma certa aproximação aos concretistas. Digo que a poesia dele é engenhosa, mais do que inspirada. Ele havia dito que o poetinha jovem cujo nome não me lembro o havia aproximado demasiado do surrealismo. Então ele vai comentando alguns poemas, as quebras de expectativas calculadas e, ao mesmo tempo, os sintagmas devaneantes.

Ele continua falando e abandona o garfo. Eu sinto que estou na frente do Mauro Cunha Filho, depois de tantos anos. Pois é a mesma embriaguez, o mesmo fogo, a mesma veemência e emoção. Encadeia uma ideia na outra, como se quisesse alcançar uma memória naquele tempo.

Digo a ele que a universidade é bunda mole, conservadora, que são poucos os que se arriscam.

Nisso, Bell o cutuca. Bicelli não come. Bicelli se alimenta das suas palavras.

Eu o escuto em silêncio, tentando anotar na mente aquele momento. Aquele fluxo.

Ao sair de lá, tempos depois, enquanto dirijo o carro da editora, indo para Osasco, penso na relação entre poesia e vida, tão falada pelos poetas da geração dele. E penso como o Bi toma isso literalmente, como insistia num encontro casual entre ele e o dono da Carinhosa – garagem e depósito. Para tal, passamos infinitas vezes por lá, à espera do milagre da sincronicidade.

O funcionário do estacionamento, que faz parte do império da Carinhosa, horas depois, quando vou retirar meu carro, comenta: se ele quisesse falar mesmo com o dono, bastava ligar para ele. Eu disse: ele é um homem de outro tempo, queria conversar cara a cara. Mas depois continuei o diálogo comigo: ele acredita tanto no encontro ao acaso que quer suscitá-lo à força e isso é bonito. Será que o funcionário do estacionamento sabe o que é a poesia?

Acho divertido tudo aquilo com o Bi, um homem com seu sorriso.

Contra os poetas, à maneira de Grombrowicz

Eu sou um prato de sopa no colo dos outros
Poeta jovem, você quer mesmo publicar?
Seu livro é pesado para os olhos do leitor
Talvez ele já tenha lido isso em outras obras
Talvez você não tenha nada mais instigante a dizer.
Eu sei que o barbudinho da camisa florida publica
Que seus amigos vão poder participar da pré-venda
Que o lançamento vai ser divertido, para rever os amigos
Ainda mais agora que a gente faz artesanal mesmo
E que estão todos ávidos por seus versos, você parece querer dizer.
Justo agora que um poema seu rende 50 likes no Insta.
O momento melhor para mais um livro de poesia no universo
Com sua sabedoria, sua imagética, sua estética, seu suor
A palavra eu
A palavra cu
A palavra ou
Todas tão parecidas e dispostas na página
a tudo.
A sua alma se ilumina
Mas eu nem tirei o plástico do seu livro
E ele ficou na pilha empoeirada
E eu te dei respostas evasivas
Porque não tive vontade de te ler
Será que você é assim tão necessário?
Ou, ao contrário,
Você só quer um elogio?

Você quer mesmo publicar
Não tem um jeito melhor de iluminar seu estábulo
Catequizar sua gente
Lambuzar os festeiros
E repousar?

Essa estridência de olhem para mim, o meu poema nasceu
Tem produzido urticária nas cicatrizes dos leitores
A córnea estourada como uma rosácea nuclear
Os olhos fatigados no deserto de sal
As letras insignificantes no livro do poeta

Está dura a vida para você
E você piora a nossa com seus versos maus
O silêncio antes discreto
Torna-se estridente e chuvoso contigo
Cale-se e só publique depois de uma promessa ao fogo infernal
Para ver se alguém chora
Ou se o mundo é mesmo indiferente a você.

Contra a Rede Social

Ofereço minha não pouca imoderação, meu não pouco despeito àquele que esta semana postou um comentário da rede social de Claudio, onde tudo o que ele conseguira publicar fôra a

palavra “Droga”, seguida de caracteres desarticulados. O piedoso exegeta de rede social deu por explicar o que acontecia com o Claudio, sua situação de habitante numa instituição de longa permanência para idosos, com o respectivo endereço, e ainda o chamava de “príncipe dos poetas da geração dos novíssimos”.

Consegui pedir a um amigo que falasse com outro e que então chegasse a mensagem ao apedeuta que não era razoável deixar aquele comentário público, que o apagasse.

Depois me perguntei: alguém posta o endereço do hospital de um parente, pedindo visitas de tutti quanti? De quem é que a gente posta assim a intimidade toda, dizendo: penetre a intimidade dessa pessoa, devasse-a, tire uma selfie com o moribundo e então exponha seu naco de humanidade, pois na hora final você não o deixou só.

E ainda por cima: quem chama Claudio Willer de príncipe do que quer que seja? Príncipe é de foder. Não há outro modo de dizer. Príncipe é a porra do Bilac, a porra do Meneses sonetudo. Tem que ter culhão para ser príncipe também. Mas para chamar de príncipe quem comia sua mãe. Você tem é que resolver seu Édipo, filhinho.

Vai dando um nojo da rede social. Onde tudo é performance. Até o osso que você roi. Até o pão que você pede. Até o rasgo no seu cu é performance. E a experiência é perdida. Nem o príncipe sonetudo resiste ao pau em riste de um performer de rede social.

Fatias finais

O apartamento do poeta foi devolvido, em grossas fatias, enquanto ele ansiava petiscar um prato japonês.

Primeiro partiram os livros, para uma cidade do interior, em trinta e cinco caixas de aves e ovos, tal qual os ovos Piva, famosos na região. Depois partiram umas primeiras fotos, dos olhares primeiros, para o primo Marcelo. Tudo era talco, era perfume, era beliscões na bochecha perpetrados por Greta e Ricardo, assim de fácil como todo amor é, nos primeiros dias, ainda roçando os dedos pela primeira vez.

Depois foram os produtos de higiene pessoal, deitados num saco preto, pela artista plástica de nome Bell. Os sacos pretos dos chineses, que hoje ocupam o mundo e devastam os domingos, deixando suas lojas abertas em coreanas cantilenas. Foram embora ainda as fotocópias antigas, os boletos pagos, os jornais já lidos, os jornais ainda empacotados, o chumaço de livros de um contumaz versejador, os gêneros alimentícios em flor, no refrigerador desligado pelo tempo, foram ainda os sussurros de lamento da boca dos amigos, enquanto o apartamento se fatiava. Os pinceis de Maninha, os papeis de Claudio, os tarôs, cartões, moedas, baralhos; e também os relógios parados, óculos partidos e chinelos já não usados. Tudo se ia como o pó da mobília quando soprado. Uns versos maus, nunca escritos, se desimpregnavam da casa e se colavam em minhas mãos sujas, nas mãos sujas de Gledson.

E Gledson me dizia: escrevei da memória, escrevei dos objetos do poeta, escrevei da estima, da perda, da tempestade

e do estio. E eu respondi: escrevo, não, Gledson. E ele dizia: escrevi de Quiroga e eu escrevo de Willer. E eu penso agora: Gledson, não escolho meus temas, enquanto a casa do poeta despenca, enquanto esperamos o Bi na Holandesa, para mais sorrisos e cafés. A única coisa que resiste é o sorriso do Bi, o sol que o Bi faz brilhar toda vez que se achega. O resto são fatias de um edifício deslocadas em nossa mesa. O não saber onde colocar o garfo. O não saber das etiquetas.

Bi me entrega, tantas horas depois de tudo, um desenho que Maninha fizera do Claudio e de si mesma, com a autoridade que lhe confere o conhecê-la há tanto tempo, há tanto tempo e independente do próprio Claudio, aquela tarde, todos na DKW branca, na Praça Roosevelt, indo a uma festa, Bi se esconde debaixo da mesa para não ver um convidado indesejado e uma amizade que espoca.

Eu aceito a gravura, que guardo num envelope grande de um exame de ressonância, que guardo com cuidado na Doblô, tudo vai para a parede de minha casa, quando voltar a luz, tudo comido pelas maritacas de São Carlos.

Tudo jaz no escuro quando o apartamento, depois de quatro anos, exausto, se entrega.

A rendição irrestrita de tudo, capitulando ante a morte. Rimos os risos mais sinceros e nervosos quando Bell me pergunta – você vem amanhã? – eu digo: aqui não venho nunca mais. Fiz tudo o que podia. Minha missão está acabada.

A casa que já foi morada e o apartamento do Claudio é o elevador do Raul Fiker, enquanto cortam-se as fatias e tudo se desmorona.

Pequeno intercurso da burocracia diante da lápide

Converso com a imobiliária. Gledson conversa com a prefeitura. A imobiliária entrega uma lista com 48 páginas, detalhada como o inventário do inferno depois que saquearam o capeta.

Claudio deixou uma carta na qual dizia querer ser cremado, mas a carta não estava no modelo que a prefeitura desejava. E Claudio não deixou parentes, que possam atestar a veracidade – do seu desejo, da sua morte – vá saber. Então parece que o desejo do Claudio não vai ser consumado. Ao mesmo tempo, cremarem o Claudio é tirá-lo do sistema da UNIBES, porque judeus não compactuam com a cremação.

Marcelo conversa com a Unibes. Claudio também não pode ser sepultado no Cemitério Israelita, porque ele só é judeu por parte de pai, não de mãe.

Converso com Bi para que converse com Socorro, converse com o Faz Tudo, que faça tudo o que é preciso para o apartamento ser devolvido definitivamente pelos séculos dos séculos.

Todos conversamos, para saber como é que se faz para que as coisas sejam ao menos razoáveis.

Gabriel, sempre tão ponderado, opina que pintar é caro demais.

Claudio não conversa com ninguém, está cada dia mais sonolento, cada dia mais silencioso. Quando o Bi vai vê-lo, ele grava a sua voz, que ainda sem saber, será seu último registro oral: “Que aventura...”

Gledson conversa ainda com a prefeitura. Só ele conseguiria achar os meandros para fazer o Claudio ser finalmente cremado. Ele é melhor do que eu, do que nós. Uma ética diante do desejo final.

Light

É tudo uma grande bobagem, mas nesses últimos dias do ano, multiplicam-se as contas de luz atrasadas, que vou pagando para depois ratear no grupo do aluguel. Para que as luzes finalmente possam se apagar.

Claudio já não fala, mas sobreviveu ao Pelé, que acaba de morrer, com a mesma idade que ele.

Eu ligo para a Elza e ela me diz que esperavam que Claudio nem durasse até o fim da semana anterior. Que a doença já o tomou. Que ele já se alimenta por sonda. Que só cabe aguardar.

O fim do ano é assim.

Depois de amanhã é dia de São Silvestre.

O fim do fim

Beth conta que na semana passada, na quinta, ele gritou à noite que o deixassem morrer.

Eu peço uma eutanásia, um suicídio assistido, qualquer coisa que não prolongue, à maneira de posfácio, o que já está decidido. E me calo depois.

O fim depois do fim

Claudio morreu.

Eu não fui ao funeral.

Morre o poeta e tradutor

Claudio Willer aos 82 anos³

O poeta e tradutor Claudio Willer morreu nesta sexta-feira, 13, aos 82 anos, vítima de câncer na bexiga. Ele começou a ter problemas em setembro e foi internado na Instituição de Longa Permanência para Idosos, no bairro do Brooklin, em São Paulo. No momento de sua morte, estava amparado por amigos. O velório será no crematório da Vila Alpina.

No momento em que Claudio Willer (1940-2023) nos deixa, resta a pergunta sobre como mensurar a contribuição de um artista ao final de sua vida. Poeta, tradutor, ensaísta, crítico, prefaciador, Willer atravessou a vida cultural de São Paulo - de província a megalópole - e deixou suas marcas.

³ Artigo publicado em 13 de janeiro de 2023, no site de O Estado de S. Paulo.

Filho bem-nascido de um casal de judeus alemães, exilados em São Paulo, Claudio conheceu na juventude e tornou-se parceiro de figuras fundamentais das letras nacionais: os poetas Roberto Piva (1938-2010), Antonio Fernando de Franceschi (1942-2021), Roberto Bicelli (1943) e Rodrigo de Haro (1939-2021), o editor Massao Ohno (1936-2010) e a artista plástica Maninha Cavalcante (1945-2021). Todos eles e muitos outros compõem o que se convencionou chamar a geração dos Novíssimos - por conta da antologia e da coleção lançada por Massao - título eufórico que reflete tempos em que o fetiche do novo, lançado pelo modernismo, era ainda uma utopia na qual se podia acreditar.

Os amigos de Claudio, leitores ávidos, devoravam os poemas que encontravam disponíveis nas livrarias do centro de São Paulo - Francesa, Quixote, Lello, Palácio do Livro - nas mesas do Paribar, nos fundos da Biblioteca Mário de Andrade. Essas descobertas literárias, que passam por San Juan de la Cruz, os beats, Jorge de Lima, Fernando Pessoa, André Breton, são magnificamente contadas por Ugo Giorgetti no documentário *Uma outra cidade* (2000), pelo livro-entrevista *Os dentes da memória* (2011), de Renata D'Elia e Camila Hungria, e mais recentemente pelas memórias do próprio Claudio - *Dias ácidos, noites lisérgicas* (2019) - e de Roberto Bicelli - *¿Sério?!* (2022) - ambos publicados pela editora Córrego.

Do cruzamento entre afetos, leituras dos beats, místicos e surrealistas, foi se construindo a poesia de Roberto Piva e Claudio Willer. Roberto Bicelli tenderia mais à síntese e ao jogo malandro de significantes, à moda de Oswald ou do haikai; De

Franceschi à sobriedade, à infância, ao mar - se é que se podem resumir poéticas e vidas inteiras em apressadas linhas, quando nem todos os poetas estão já para nos desmentir.

E à moda do que estavam fazendo e seguiriam fazendo os concretistas paulistanos - “os poetas inteligentes”, nas palavras de Claudio - também eles, e principalmente Willer, traduziram do original o seu paideuma, para que sua própria poesia ganhasse legibilidade no ambiente nacional, posto que seus poemas eram filhos do mundo, mais do que da tradição nacional: Jack Kerouac, Allen Ginsberg, Charles Bukowski, Lautréamont, Antonin Artaud, entre outros, se fizeram-se conhecer na língua portuguesa através de traduções e estudos de Willer. É preciso dizer que cada uma dessas traduções entrou no cânone nacional, são constantemente reeditadas e seguirão sendo reimpressas pelos anos afora.

Principalmente ao longo dos anos oitenta e noventa, era comum encontrar resenhas e artigos de Willer nas revistas então em voga - *Veja, Istoé, Senhor, Leitura*, além da subversiva *Chiclete com Banana*. Aliás, quem o conhecesse nos anos noventa, quando atuou como assessor de cultura da prefeitura de São Paulo, gestão Celso Pitta, poderia pensar estar diante de um burocrata. Olhando mais de perto, não era nada disso: na Funarte, onde trabalhava, abria espaço para os Cursos Órficos, de Roberto Piva, e lá circulavam figuras como Jorge Mautner, a quem se estava criando uma sala com seu nome e Roberto Bicelli. Não era raro encontrá-los nos intervalos das oficinas de um então bem pouco celebrado Piva, fazendo as piadas mais estapafúrdias.

No primeiro ano do milênio seguinte, com o documentário de Giorgetti transmitido e retransmitido pela TV Cultura e o relançamento triunfal de *Paranoias* (1963), o primeiro livro de Piva, com fotos de Wesley Duke Lee (1931-2010), foi o início de uma consagração mais ampla dos poetas, que se apresentaram em sua dimensão mais vigorosa e influente. Uma nova geração os estava descobrindo. Passou-se a dar mais atenção a *Anotações para um Apocalipse* (Masso Ohno, 1964), *Dias Circulares* (Massao Ohno, 1976), *Jardins da Provocação* (Massao Ohno, 1981) de Claudio, reunidos sob o título *Estranhas Experiências* (Lamparina, 2004). Mais do que isso, começou-se a criar maiores condições de compreensão e recepção à obra do grupo, através de obras dos próprios, como o luminoso ensaio biográfico *Volta* (Iluminuras, 1996), de Willer, que fornece a chave vida-poesia-escritura para compreender-se a que vieram esses cidadãos. Nessa fase, cresceram os leitores, o reconhecimento, as teses dedicadas e ele e à sua geração, sua influência, como crescia sua vida no recém-surgido mundo digital, na rede social, e assim os seguidores dispostos a chamá-lo de mestre, os jovens pedindo leituras e prefácios, aos quais Claudio costumava acolher com entusiasmo.

Já nesse momento, rebelde, espirituoso e lúcido, Claudio valeu-se de bolsas de doutorado e pós-doutorado, quando as havia, para escrever seus dois ensaios de fôlego: *Um obscuro encanto - gnose e o gnosticismo na poesia moderna* (Civilização Brasileira, 2009) e *Rebeldes - geração beat e anarquismo místico* (L&PM, 2014). Ainda se equilibrava com cursos, oficinas, consultorias. Já na década seguinte, ao fim dos governos Lula e Dilma - aos quais ele foi muito crítico em vários momentos - adveio a crise

econômica mais brutal: escassearam as bolsas, as oportunidades de cursos e palestras. Para um rebelde como ele, as universidades tampouco eram um lugar muito hospitaleiro: escrevia ensaios que não se encaixavam na produção acadêmica do atual modelo produtivista da universidade nacional; a extensão universitária sim se lhe abria, com espaço para criação de novos leitores, mas jamais com o suficiente para o sustento.

Então adveio a penúria: apartamento vendido, despejo, carestia. Claudio e a companheira Maninha Cavalcante, já doente de um câncer, foram viver num apart hotel, para o qual não tinham dinheiro para honrar os débitos. Deixou o apart hotel, semanas depois, alegando a verdade: não tinha como pagar a conta. Iniciaram-se campanhas entre os amigos para arrecadar fundos para garantir uma vida digna de escrita e conhecimento para que não fosse preciso renunciar ao único ofício que lhe justificava a existência: o do verbo.

Claudio finalmente se mudou para um apartamento bancado em grande parte por uma rede de poetas que se reuniu em torno à causa willeriana (o adjetivo era dele). E assim passou os últimos quatro anos: escrevendo, publicando, enquanto tudo o mais desabava: o país, a saúde da sua companheira, e ele próprio com o difícil luto a partir de meados de 2021. Um tumor que há tempos o espreitava em sua bexiga, sem que ele o considerasse frontalmente, decidiu se alastrar.

Neste momento em que ele nos deixa, é preciso refazer a pergunta sobre seu legado, pois há algo ainda a ser dito: além do visível e evidente - as traduções, os estudos sobre a geração beat, o surrealismo, a gnose e o gnosticismo - há outro: leitor ávido

dos temas aos quais se dedicou, sua biblioteca está igualmente povoada por dezenas de livros e manuscritos de jovens poetas, tocados por suas oficinas literárias e desejosos de suas palavras de apresentação. Sua influência foi enorme como sua paciência com os poetas de seguidas gerações. Sua obra permanece na de muita gente.

É muito triste perder um poeta, um poeta amigo, mesmo que a integralidade de seus escritos esteja em catálogo, inclusive na nova edição de sua poesia reunida, *Poemas para ler em voz alta* (Ibis Libris, 2022), recém-lançada. Há algo que se esvai, irreparável: olhares, gestos, piadas, frases feitas, o tom de voz na leitura apaixonada de poemas, tudo isso que torna cada sujeito único. Esse núcleo da dor, nós o circundamos, como sempre fazemos, com arte, poesia, saudade.

Sirva-nos então de fecho ao texto, e de despedida a Claudio Willer e à sua vida plena de afetos e literatura, o poema do amigo que estive com ele ao longo de toda a trajetória, o sempre solar Roberto Bicelli, que ensaiou uma vez um oloroso “epitáfio” tibetano: “Aqui jaz mim.”

Só palavras

Não aproximei meu corpo vivo de seu corpo morto no instante em que ele se tornaria cinzas.

Minha homenagem foi uma homenagem de palavras, o texto publicado no Estadão e republicado no Terra, felizmente

com acesso aberto. A recusa (o conflito, a impossibilidade) de ir ao velório e portanto de ver o corpo morto em oposição à presença sob a forma de linguagem diz tudo, embora eu não tenha podido ou querido compreender ao longo das últimas vinte e quatro horas.

Senti uma dor no meu corpo, no meu peito. Uma dor da tristeza. Não irrompi em prantos. Foi uma espécie de inação, depois de ter – por dias – sofrido ativamente enquanto resolvia com os meninos cada uma das coisas práticas: reparar, revolver e devolver apartamento.

Hoje à tarde, enquanto estava sentado na mesa pensando sobre o que iria comer de lanche, comecei a pensar sobre o Claudio. Seria errado dizer que sou seu amigo íntimo, ao mesmo tempo a importância dele é fundamental para mim. Que eu voltei a escrever e logo a publicar poesia depois da oficina dele, em 2011. Foi assim.

Não consigo escrever direito. Só consigo racionalizar todas as coisas, como essa: nas fotos do Estadão, feitas em 2010, o apartamento está estruturado. A vida está estruturada. Que contraste tão grande entre aquelas fotos e o que foi o apartamento final, onde a doença e o caos dominaram.

Fumaça

Morrerei numa sexta-feira treze, quando tudo já estiver dito, numa São Paulo cheia de farrapos, de barracos sobre as praças. Morrerei numa casa que nunca escolheria, cheia de velhos aos pedaços. Nossos corpos sinfonia de passagens, não se repetem rituais. Sem umas paredes a lumiar os quadros e Elza nos exige levar nossas próprias máscaras. Não mana nenhum licor, crucifixo, pastor ou padre. A sede. Entre chuva e chuva, estará mais breve o céu. Apressarei-me no bairro alemão, muito distante do que foi a minha cidade, e não sei se chego. Nos confins, no horror, numa dobra entre a ilusão e o talho, monto num furgão com livros para a Vila Prudente, os dentes da memória crispados. Pombos rasgando o asfalto no Largo de Mim, milhões de léguas e ao redor escombros e tudo é paisagem. O que jaz me fita, e sou o olho ao redor do novelo e se precipita o abismo. Beth me enquadra num arco íris duplo, mas eu sou a fumaça indo. Um rio de pesadelos, desconcerto e gritos. Descanso na palavra não dita, antes que a boca se abra à primeira vogal.



CADASTRO
ILUMI//URAS

Para receber informações
sobre nossos lançamentos e
promoções envie e-mail para:

cadastro@iluminuras.com.br

Este livro foi composto em Garamond pela Iluminuras e foi impresso nas oficinas da *Meta Gráfica*, em São Paulo, SP, sobre papel off white 80 gramas.